

Ōculum, Ōculus, Ōculo – em latim, olho. Usado para designar as aberturas circulares ou ovais, principalmente em igrejas e catedrais, nomeia também instrumentos de olhar (p. ex., a luneta). As rosáceas e mandalas gótico-renascentistas são igualmente denominadas óculos, contudo o termo é mais próprio às **pequenas aberturas**, onde o jogo de vitrais é menor ou mesmo ausente (luz branca).

Oculum torquere – Contornar, fazer girar um olho, traçar os contornos.

Comparando as grandes mandalas aos óculos, poderia se afirmar que o óculo corresponde mais ao paradigma da janela: é bem marcado – contornado – em relação à parede, freqüentemente ocupa as paredes laterais, e não tem tantos vitrais que se anteponham na relação dentro/fora. As mandalas, sem entrar nos méritos de sua específica carga simbólica, comportam-se diferenciadamente: funcionam refratando – modificando – a luz em várias cores, e o desenho de seu ‘quadro’ se integra a Fachada. Mas o óculo não é uma janela ‘normal’; sua altura não permite que o olhar a atravesse e atinja o depois do quadro. Este ‘depois’ é todo luz: uma janela de luz, que dissolve o quadro em seus reflexos e projeta tão somente um fecho no seu interior envolto no jogo de luz dos vitrais, onde marca um foco. É só aí que ele funciona, neste jogo de claros/escuros, neste exercício de **Velar e Revelar**.

O óculo aparece na moeda de vinte cruzeiros, risco de Aleijadinho que se materializou (na construção) em medalhão. Mas a moeda de cinquenta cruzeiros tem, por sua vez, o Plano Diretor de Brasília... Tudo é uma questão de valor, de moeda corrente no cotidiano: vivemos em grandes catedrais do pensamento. Citando novamente Cícero: **in oculis habitare** – não se pode deixar de fazer ver.

- . Precisam as testemunhas oculares de instrumentos de visão, sejam caleidoscópios ou lanternas iluministas ?
- . “O invisível não é obscuro nem misterioso, é transparente” (Duchamp).

A revista Oculum acredita na existência de um espaço editorial a ser ocupado. A perda dos sólidos parâmetros nestes tempos pós-tudo institui quase um território de ninguém, o que exige – nisso acreditamos – um aprofundamento das análises e o contato com abordagens desenvolvidas por outras áreas que não a arquitetura. Vemos também com interesse uma maior proximidade com as escolas de arquitetura, cientes que muitas das novas questões tem que necessariamente passar por ali. (A.C.)

